

SOBRE LEXICOGRAFIA E TRADUÇÃO

Herbert Andreas Welker*
hawelker@yahoo.com

SOBRE LEXICOGRAFIA E TRADUÇÃO

RESUMO

Neste artigo apresenta-se uma breve visão geral da relação entre os tradutores e os dicionários. Depois de citar a opinião de alguns tradutores sobre essas obras de consulta, mostra-se por que dicionários monolíngües são necessários. Em seguida, trata-se mais pormenorizadamente dos dicionários bilíngües, abordando os problemas da equivalência e as informações lexicográficas de que se precisa na tradução. No final, mencionam-se algumas pesquisas empíricas sobre os recursos de consulta utilizados por tradutores.

PALAVRAS-CHAVE

Lexicografia; tradução; equivalência; uso de dicionários

ON LEXICOGRAPHY AND TRANSLATION

ABSTRACT

In this paper I provide a brief survey of the relation between translators and dictionaries. I quote the opinions of some translators about these reference works, show why monolingual dictionaries are necessary, devote a longer section to bilingual dictionaries, and deal with the problems of equivalence and the lexicographical information required in translation. Finally, I mention some empirical studies about sources of reference to which translators resort.

KEYWORDS

Lexicography; translation; equivalence; dictionary use

Neste artigo, objetiva-se examinar a relação entre a atividade tradutória e os dicionários do ponto de vista da metalexigrafia, não do ponto de vista da tradutologia. Assim, serão citados principalmente estudiosos da lexicografia e serão feitas algumas observações que podem parecer óbvias para quem se ocupa de tradução. Além disso, não se entra em detalhes sobre todos os recursos de que os tradutores podem lançar mão.

1. Algumas opiniões sobre o uso de DBs por tradutores¹
Embora o tradutor não precise somente de DBs, tais obras são de suma importância. Depende de cada profissional se consulta mais essas ou DMs. O metalexicógrafo dinamarquês Tarp, que é tradutor juramentado de espanhol, diz que:

...quando traduz para o espanhol, ele [o próprio Tarp] consulta mais dicionários monolíngües de espanhol do que bilíngües dinamarquês-espanhol, mas [...] ele consulta mais bilíngües espanhol-dinamarquês e monolíngües de espanhol do que monolíngües de dinamarquês quando traduz para o dinamarquês [...]. (TARP, 2004, p.35).²

O teórico da tradução Peter Newmark (1998, p.29) observa:

O dicionário bilíngüe é o primeiro e mais importante auxílio do tradutor, e um tradutor que não consulta um quando tem dúvidas é arrogante ou ignorante, ou ambos.

A autora de um dos poucos artigos brasileiros sobre dicionários e tradução afirma:

O trabalho de tradução profissional recorre a dicionários enciclopédicos (aqueles que trazem informações de natureza lingüística e referencial) e a dicionários de língua monolíngües (com informações semânticas, notionais, etimológicas, gramaticais e fonéticas), a dicionários especiais (de sinônimos, expressões idiomáticas, falsos cognatos etc.) e a obras terminológicas [...].

A partir disso, poder-se-ia pensar que a consulta em dicionários de língua bilíngües (DLB) ficaria em segundo ou terceiro plano ou seria até desnecessária, servindo apenas à tradução escolar. A práxis, entretanto, revela que é o tradutor um usuário assíduo dos DLB [...]. (XATARA, 1998, p.179)

No seu artigo "O tradutor e a palavra: os prós e contras de dicionários na tradução", Fraser (1999, p.32) opina na sua conclusão:

Tradutores sempre vão usar dicionários bilíngües, junto com outras obras de referência, e por isso precisam estar conscientes das limitações como também dos pontos fortes de seus dicionários bilíngües; eles têm que conhecê-los e saber usá-los como também mantê-los atualizados.

2. Trabalhos sobre tradução e lexicografia

Existem quatro coletâneas especificamente dedicadas à relação entre tradução e lexicografia: *Lexicography and Translation - with special reference to Bible Translation* (LOUW, 1985), *Translation and Lexicography* (SNELL-HORNBY;

1. Uso as seguintes abreviaturas: DB = dicionário bilíngüe; DM = dicionário monolíngüe; LE = língua estrangeira ou segunda língua; LM = língua materna; L1 = língua dos lemas dos DBs; L2 = língua dos emivalentes nos DBs

d'apprentissage du français des affaires (DAFA) descrito por Binon et al. (2000). Não sendo um dicionário geral, também tem um número restrito de verbetes, a saber 3.200. É claro que existem – em algumas línguas – dicionários com uma grande nomenclatura e, ao mesmo tempo, muitas informações lexicográficas (por exemplo, o *Trésor de la Langue Française*).

A respeito da expressão “produção de textos”, cabe lembrar que, no ensino de línguas, ela significa a redação (ou produção oral) de frases e de textos, o que também é chamado de “produção livre” – “livre” porque não dependendo de um texto original. Mas a tradução é, obviamente, também uma produção de textos, com a diferença de se ter menos liberdade. Para os dois tipos de produção de textos, o redator precisa de conhecimentos sintáticos, colocacionais, pragmáticos e culturais sobre os itens lexicais que pretende empregar.

Como vimos na citação de Xatara, devem ser mencionados – além dos DMs gerais – também diversos tipos de dicionários especiais e vocabulários técnicos ou terminológicos.

O tradutólogo alemão Vermeer, que afirmou em 1989 que ainda não existia um dicionário específico para tradutores (p.173) e que esses profissionais tinham que se contentar com os dicionários existentes – dos mais diversos tipos –, disse também que, enquanto não houvesse tal dicionário para tradutores, eles teriam que se apoiar em textos paralelos, verbetes de enciclopédias e de dicionários especializados (da medicina, da química etc.), além de procurar a ajuda de especialistas (VERMEER, 1989, p.171).

Em 1998, Bergenholtz e Pedersen, discorrendo sobre “dicionários especializados como auxílios na tradução de textos especializados”, salientam que essas obras – tanto as bilíngües quanto as monolíngües – ajudam o tradutor de maneira insuficiente porque não fornecem as informações necessárias para entender-se o que o termo consultado designa ou para, no caso dos DBs, escolher-se o equivalente adequado (BERGENHOLTZ; PEDERSEN, 1998, p.1887).

4. Dicionários bilíngües

Tendo em vista a importância, ou preponderância, dos DBs, vou me ater a esses.

Para a maioria dos leitores deste artigo, provavelmente parece evidente que haja DBs. Porém, cabe mencionar que não existem tais obras entre todas as línguas nacionais (principalmente entre os idiomas de países pequenos). E mesmo quando existem, são, em muitos casos, pouco informativos. Sabe-se que muitas traduções foram feitas sem a ajuda de DBs. Para citar apenas um exemplo: no século IV, o godo Úlfila traduziu a Bíblia do grego para sua língua, o gótico, sem que houvesse um dicionário desse idioma. Aliás, foi o próprio Úlfila que criou o alfabeto gótico (cf. DESLISLE, 1995, p.21).

PÖHL, 1989), *Translation and Bilingual Dictionaries* (CHAN, 2004) e *Lessicografia bilingue e traduzzione: Metodi, strumenti, aprocci attuali* (SAN VICENTE, 2006). Também há um certo número de artigos sobre esse assunto, como os citados acima ou ainda aqueles publicados por pesquisadores da Escola de Tradução e Interpretação da universidade de Ottawa, especialmente no âmbito da elaboração de um dicionário canadense inglês-francês (cf. <http://www.dico.uottawa.ca/articles-en.htm>; acesso em 30/04/2007). Van Hoof (1995), além de apresentar brevemente a história dos dicionários, mostra que diversos tradutores foram também lexicógrafos, que, curiosamente, elaboraram mais DMs do que DBs. Os mais conhecidos entre esses dicionaristas são Henri Estienne (dicionário de grego), Robert Estienne (latim), Samuel Johnson (inglês), Adlung (alemão), Littré (francês).

Apesar dessas publicações, Hartmann (2004, p.12s.) lamenta que não tenha havido mais interação entre as duas áreas e salienta que nenhum dos mais de 300 verbetes do Dictionary of Translation Studies (SHUTTLEWORTH; COWIE, 1997) é dedicado aos dicionários. Humblé (2005, p.234), por sua vez, observa que “uma obra de referência bastante completa como a *Routledge Encyclopedia of Translation Studies* não inclui verbetes nem para ‘dicionário’, nem para ‘lexicografia’” e que também a “lexicografia ignora quase totalmente os Estudos da Tradução”³.

3. Sobre DMs

Além de DBs, o tradutor – profissional ou leigo – precisa de DMs, principalmente de LE. Por quê?

Porque na tradução (para sua LM) podem ocorrer palavras e expressões que não se encontram em DBs, mas sim em grandes dicionários da LE, ou, mesmo estando registradas nos DBs, os equivalentes oferecidos podem não ser muito bons ou não permitir compreender o significado exato, o qual pode ser melhor revelado num bom DM.

Já na versão (para a LE), o mesmo dicionário (de LE) pode ser necessário para o emprego correto das palavras e expressões, porque o DB muitas vezes não fornece informações suficientes para garantir o uso adequado. Infelizmente, muitos DMs tampouco dão essas informações, ou seja, existem poucos DMs que dão as informações necessárias para a correta produção de textos. Um DM bem informativo é o “Dicionário explicativo e combinatório do francês contemporâneo” (*Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain: recherches lexicosémantiques*) do linguista russo, naturalizado canadense, Mel'čuk (e colaboradores). Ele é tão detalhado que os quatro volumes, publicados em 1984/1988/1992/1999, contém um total de não mais de 508 verbetes! Esse é um caso extremo. Um outro dicionário muito informativo é o *Dictionnaire*

3. Por outro lado, mesmo que não exista um grande número de trabalhos publicados, percebe-se, em buscas na

4.1 Sobre a equivalência

O que define os DBs – e os distingue dos DMs – é a existência de “equivalentes”, também chamados de “equivalências” ou “traduções”. Um outro termo usado às vezes, é “sinônimos interlinguais”.

Sobre o problema da equivalência existem numerosos artigos, escritos quer por tradutores quer por teóricos da lexicografia (ou metalexicógrafos). Restrictivos, do-me a esses últimos, menciono, entre muitos outros, apenas Baldinger (1971), Zgusta (1971; 1984), Al-Kasimi (1977), Kromann et al. (1984), Duval (1991), Scholze-Stubenrecht (1995), Szende (1996), Werner (2002) e Tarp (2004).

Por que as palavras de duas línguas geralmente não se correspondem perfeitamente, isto é, não são verdadeiros equivalentes? Em trabalhos metalexicográficos, cita-se frequentemente Zgusta (1971, p.294), que fala do anisomorfismo das línguas, entendendo por esse termo “as diferenças na organização dos referentes e [...] outras diferenças entre as línguas”. Na verdade, antes dele, Lyons (1968, p.429) já havia usado o termo “non-isomorphic” nesse sentido e havia lembrado que Humboldt, Saussure e Sapir já tinham chamado a atenção para o fato de que “existem diferenciações semânticas feitas em uma língua que não existem em outra”.

Zgusta chama a atenção também para a existência de palavras e expressões que não têm correspondência em outra cultura (“culture-bound words”), cuja tradução constitui um problema bem conhecido dos tradutores. Na área da metalexigrafia, foi dedicada especialmente a esse assunto uma coletânea sobre as “diferenças culturais nos dicionários bilingües” (SZENDE, 2003).

O que deve ser procurado na tradução não é somente a equivalência semântica. Segundo o lexicógrafo alemão Scholze-Stubenrecht (1995), seria desejável que houvesse equivalência não somente a nível do significado, e sim também a nível:

- estilístico (mesmo registro);
- pragmático (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas situações de comunicação);
- terminológico (um termo técnico deve ser traduzido por um termo técnico na L2);
- diacrônico (um lexema antiquado deve ser traduzido por um lexema antiquado na L2);
- contextual (o equivalente deve poder ser usado nos mesmos co(n)textos);
- sintático-gramatical (o equivalente deve poder ser usado nas mesmas estruturas sintáticas, p.ex. na voz passiva);
- metafórico (uma metáfora deve ser traduzida por uma metáfora);
- etimológico (deve-se preferir equivalentes que têm a mesma origem do lexema da L1);
- de formação das palavras (política, político – ingl. politics, politician);

- de frequência (os equivalentes devem ter, nas duas línguas, o mesmo nível de frequência de uso);
- fonético-prosódico (importante em textos literários);
- diatópico (dificilmente alcançada, pois não faz muito sentido traduzir um regionalismo da L1 por um regionalismo – com conotações bem diferentes – da L2).

Numa situação ideal, o DB deveria cumprir essas exigências, mas dificilmente isso acontece; primeiro, porque, de fato, tais equivalentes não existem; segundo, porque falta espaço nos dicionários tradicionais (em papel), mas também é uma questão de tempo e de dinheiro, além de um perfeito conhecimento das duas línguas; ou seja, o lexicógrafo teria que saber quais palavras correspondem perfeitamente às da L1, se é que existem. Via de regra, os DBs não oferecem essas soluções ideais e, portanto, não podem ser considerados “autoridades” em que se deve confiar cegamente. Isso já se constata pela simples comparação de diversos dicionários do mesmo par de línguas, nos quais se notam equivalentes diferentes para as mesmas palavras da L1.

O que Scholze-Stubenrecht chama de “equivalência de uso”, outros denominam “equivalência funcional”. O já citado metalexicógrafo Zgusta (1984, p.151) diz:

A tradução deveria transmitir ao leitor a mesma mensagem com os mesmos valores estéticos e outros que são transmitidos pelo texto original. Visto que as línguas diferem entre si em todos os aspectos imagináveis, o tradutor-lexicógrafo deve, para obter os mesmos resultados, empregar às vezes meios bastante diferentes daqueles usados no original. Se meios diversos produzem o mesmo efeito, os textos podem ser considerados funcionalmente equivalentes.

Obviamente, os equivalentes – ou traduções – nos dicionários são outra coisa que as traduções dos tradutores. Em geral, diz-se que o dicionário traduz palavras, ao passo que o tradutor traduz textos. Em um livro sobre a “lingüística da mentira”, Weinrich (1966, p.24, apud SZENDE, 1996, p.111) chega a dizer: “Palavras traduzidas mentem sempre; textos traduzidos mentem apenas quando são mal traduzidos.”

Humbé (2005, p.238) distingue a tradução *stricto sensu* (de textos) de uma tradução *lato sensu*, explicando:

O que, para mim, caracteriza a tradução *stricto sensu*, a tradução como o termo se entende tradicionalmente, é a possibilidade de escolha. A tradução *lato sensu*, por outro lado, seria a tradução onde existe somente uma única alternativa certa, ou seja, onde não há escolha. É o caso da tradução terminológica, onde “mioceno” é “Miocene” e “miocárdio” é “myocardium”.

Há um artigo interessante sobre a “tradução de dicionário”, ou tradução lexicográfica, escrito por uma das colaboradoras do dicionário francês-inglês/inglês-

francês Oxford-Hachette, considerado um dos melhores DBs. Ela chama aquele que fornece os equivalentes de "tradutor lexicógrafo" e diz na sua introdução:

A tradução de dicionário, isto é, o fornecimento de equivalentes – na língua-meta – de palavras-entrada e de exemplos da língua-fonte, é um campo da tradutologia pouco estudado e uma disciplina que não é ensinada de maneira alguma. É também uma das etapas mais delicadas da fabricação de um dicionário bilingüe. (CORRÉARD, 1998, p.17)

Voltarei a isso no final do item 4.3

4.2 Tradução e versão

Em metalexigrafia, distinguem-se DBs de recepção e de produção. Os primeiros termos referem-se à compreensão de textos, principalmente à leitura, em LE, os segundos, obviamente, à produção de textos em LE. Como, na maioria das vezes, se pensa menos nos tradutores do que nos aprendizes de LE, acredita-se que os dicionários de recepção devem conter muitos verbetes para possibilitar a leitura de textos (que podem conter muitas palavras desconhecidas), ao passo que os dicionários de produção podem ter uma nomenclatura, ou macroestrutura, bem menor, porque os aprendizes não precisam usar palavras relativamente raras.

No que concerne aos tradutores, a situação é totalmente diferente no caso dos dicionários de produção. Embora não seja o ideal, sabe-se que muitos desses profissionais têm que verter para uma língua que não é sua LM, e os textos que têm que verter podem conter quaisquer itens lexicais, de modo que os DBs de produção que esses tradutores vão consultar devem registrar o maior número possível de itens lexicais.

Portanto, a macroestrutura dos dois tipos de dicionários bilingües, se dirigidos aos tradutores, não pode ser diferente. Já a microestrutura – ou seja, as informações dadas nos verbetes – pode diferir bastante entre os dois tipos de dicionário.

Nos dicionários de recepção, basta, em muitos casos, o equivalente, ou vários equivalentes. Havendo vários, o tradutor saberá, com base no contexto, escolher o equivalente adequado. Mas nem sempre é assim. Como, na maioria das vezes, não existem equivalentes perfeitos, o lexicógrafo, consciente disso, deveria oferecer ao tradutor informações sobre o uso da palavra na LE, por exemplo, mediante marcas de uso, que informam que a palavra é, por exemplo, vulgar, ou antiquada, ou um regionalismo. Melhor que as marcas de uso, que têm geralmente a forma de abreviaturas ou símbolos, seriam notas de uso mais extensas, mais detalhadas. É com base em tais informações que o tradutor tentará achar uma solução adequada. Não as havendo no DB, ele, tendo a mais leve dúvida quanto ao uso do item lexical consultado, deveria dirigir-se a um bom DM da LE – onde, como já foi dito, infelizmente tais informações muitas vezes também são insuficientes.

Nos dicionários de produção, a situação é bem diferente, pois, se o tradutor procura um equivalente (na LE) que lhe é desconhecido, então também não sabe

como usá-lo, de modo que ele necessita não somente as referidas marcas ou notas de uso como também informações sintáticas (principalmente, mas não somente, nos casos dos verbos) e sobre colocações.

É claro que essas informações têm que ser dadas para cada acepção. Além de notas de uso detalhadas, ou explicações no caso de itens lexicais específicas da cultura da LE, são muito úteis os exemplos de uso.⁴ Em DMs, exemplos devem tanto ajudar a compreender o significado quanto mostrar como se usa o respectivo item lexical. Nos DBs de produção, eles têm uma outra função: eles possibilitam mostrar diversas maneiras de se traduzir a palavra ou expressão, dependendo do contexto. Vários metalexígrafos trataram desse problema, isto é, da influência do contexto na tradução dos itens lexicais.

Alguns exigem que o dicionário dê equivalentes que possam ser inseridos nos diversos textos da L2 (Zgusta 1971: 319 os chama de "translational equivalents"); outros percebem que isso é praticamente impossível (cf. Gak 1970: 107) [...]. Por isso, Gak propõe que haja duas partes no verbete, na primeira, ao nível de langue, propõe-se uma equação sêmica, ou seja, o semema de BL2 é o mesmo de AL1; na segunda, ao nível do discurso, é preciso mostrar como o lexema da L1 pode ser traduzido em enunciados usuais e típicos (p.115).

Da mesma forma, Hausmann & Werner (1991: 2745s.) distinguem entre "equivalentes de sistema" e "equivalentes de tradução".

Porém, como afirmam Werner (1982: 287s.) e Snell-Hornby (1990: 209, 224), dificilmente todas as traduções adequadas de todos os lexemas podem ser indicadas no dicionário. Um bom dicionário destaca-se por apresentar o maior número possível. (WELKER: 2004, p.197)

A maioria dos DBs não fornece todas as informações necessárias, nem para a recepção (que, no caso dos tradutores, deve implicar uma compreensão detalhada ou profunda; cf. WELKER, 2003, p.21) e ainda menos para a produção. Existem, para alguns poucos pares de línguas, bons DBs para aprendizes, que oferecem mais informações, mas eles são totalmente insuficientes para tradutores, porque têm uma nomenclatura, ou macroestrutura, muito pequena.

Cabe acrescentar que muitas vezes o consulente já conhece o equivalente, mas não se lembra. Vermeer (ibid., p.172) diferencia até mesmo duas funções principais dos dicionários: eles ajudam quando se procura um item lexical (ou equivalente) desconhecido, ou permitem lembrar-se de algo que já se sabia. Nessa última situação, ele fala do "efeito do 'ah, é mesmo'" ("Ach-ja"-Effekt). É óbvio que, nesse caso, mesmo um DB menos informativo serve, pois basta o próprio equivalente, o qual o tradutor não somente conhece como também sabe usar.

4.3 A origem dos equivalentes

Criticam-se muito os dicionários, tanto os DMs quanto os DBs. Mas não se deve esquecer que os lexicógrafos não são nem oniscientes nem onipotentes. No caso dos DMs, diz-se que "a arte suprema" é a elaboração da definição (IMBS, 1960, p.9), que é extremamente difícil. O mesmo se pode dizer do equivalente no caso dos DBs.

Como é que o autor do dicionário chega ao equivalente?

Sem pensar em todos os níveis de equivalência mencionados acima, deve-se observar que já é complicado encontrar o simples equivalente semântico. Baldwin (1971 [1985, p.139s.]) imagina o seguinte processo: 1) analisam-se os sememas do lexema da L1 para o qual se procura um equivalente; 2) pergunta-se se existe, na L2, uma palavra que contenha esse semema; 3) responde-se, primeiro, intuitivamente; 4) deve-se fazer uma análise semêmica precisa do lexema que parece ser o equivalente para confirmar ou não a escolha.

Contudo, na realidade, pára-se, muitas vezes, no nível intuitivo: sugere-se determinado equivalente porque percebeu-se que o lexema A da L1, em geral ou em determinados contextos, é traduzido por B na L2. Também acontece que simplesmente se copiam os equivalentes constantes em outros dicionários.

Uma solução melhor é o aproveitamento de corpora paralelos. Trata-se de corpora de certos textos e de suas traduções. Se esses corpora forem grandes, os lexemas – e suas traduções – ocorrem frequentemente, e, o que é mais importante, eles são encontrados (menos frequentemente) em determinados contextos. Tendo sido feitas por tradutores experientes, as traduções mostram, portanto, quais são os equivalentes adequados em contextos específicos. Hartmann (1985, p.130) já mencionou a vantagem de se compilarem tais corpora e de o lexicógrafo observar "a tradução em ação". Na época, eles não existiam ainda. Mais tarde, Teubert (1996) chamou a atenção para as vantagens daqueles que, nesse ínterim, haviam sido criados. Infelizmente, ainda hoje, há corpora paralelos em poucos pares de línguas, ou, quando existem, são pequenos demais para mostrarem todos os lexemas em todos os tipos de contextos. No caso do português, tais corpora só existem alinhados com o inglês (cf. <http://www.linguatca.pt/COMPARA>; acesso em 07/06/2004). Cabe ressaltar também que a existência de traduções não é uma garantia de que os equivalentes sejam os mais adequados. Sabe-se da publicação de más traduções. Somente se o mesmo equivalente ocorrer várias vezes em traduções feitas por tradutores diferentes pode-se ter certeza de que seja adequado. (WELKER, 2004, p.194).

Hartmann (2004, p.15) expressa a mesma opinião ao dizer que não se pode confiar muito nos "corpora de textos paralelos baseados em traduções" porque "os equivalentes [encontrados neles] podem muito bem ser o resultado de uma interferência da língua-fonte devida a uma tradução palavra por palavra", e cita Teubert (1996, p.247) que disse que, nas suas descrições de uma língua, "lingüistas nunca deveriam basear-se em traduções".

Em seguida, Hartmann (ibid.) menciona o exemplo de um outro tipo de tex-

tos paralelos, a saber, aquele em que se baseiam os autores do já mencionado DB canadense. Esses textos paralelos que "não são interrelacionados pela tradução, mas funcionalmente similares na motivação situacional e na estrutura retórica" permitem "identificar e verificar todos os equivalentes entre o francês e o inglês a serem incluídos" naquele dicionário.

Corréard (1998, p.18s.) faz um breve, mas interessante relato do complexo processo de elaboração do muito elogiado DB Oxford-Hachette. Bem resumidamente, esse processo foi o seguinte:

Uma equipe de lexicógrafos monolíngües elaborou, com base num corpus, a nomenclatura, isto é, o conjunto dos itens lexicais que deveriam ser registrados no dicionário, separando as classes gramaticais e as acepções das palavras, fornecendo definições e exemplos de uso para cada acepção; na segunda fase, os tradutores-lexicógrafos, todos eles tradutores profissionais técnicos ou literários experientes, forneceram os equivalentes e as traduções dos exemplos; na terceira fase, equipes compostas de redatores de cada uma das duas línguas redigiram os verbetes, que foram lidos, comentados e eventualmente corrigidos por outros falantes nativos.

Corréard (ibid., p.21s.) também fala sucintamente sobre os procedimentos adotados na tradução (por exemplo, a transposição e a modulação) e sobre as diferenças entre a tradução lexicográfica e a tradução normal de textos.

Humblié (ibid.), que, como vimos, distingue uma tradução *stricto sensu* de uma tradução *lato sensu*, faz uma análise interessante da tradução de exemplos em vários dicionários, dizendo que os "exemplos" são a porção de texto traduzido mais extensa que se possa encontrar num dicionário" e que, ao traduzi-los, dependendo do tamanho dos exemplos, "os lexicógrafos se tornam tradutores no sentido tradicional da palavra" (p.235). Ele constatou, por exemplo, que em "três dicionários aparecem exemplos [de determinada expressão] quase idênticos que foram, no entanto, traduzidos de maneiras diferentes". Ele conclui (p.242) que a "suposta objetividade dos dicionários, dada por certa pela maioria dos usuários, foi rapidamente aniquilada. Nos exemplos analisados, os lexicógrafos realmente tiveram que ser tradutores e tiveram que fazer escolhas. A situação deste tipo de tradutor, no entanto, é cercada por restrições diferentes das que limitam o trabalho do tradutor literário."

5. Dicionários eletrônicos

Dicionários eletrônicos apresentam diversas vantagens ao usuário, principalmente as facilidades de busca. Mas a maior vantagem que eles oferecem – tanto aos lexicógrafos quanto aos consulentes – é a disponibilidade de espaço. Assim, eles permitem que sejam incluídas todas as informações desejadas ou necessárias. O problema é que, antes de poder incluí-las em tal obra de consulta eletrônica, o dicionarista tem que dispor delas ou elaborá-las. E como isso é laborioso – e custa tempo e dinheiro –, a grande maioria desses dicionários não fornece mais informações do que os tradicionais.⁵

de resultados; c) investigações sobre o efeito do uso; d) pesquisas sobre questões específicas (como, por exemplo, a eficácia de exemplos ou de certos tipos de definição).

Deixando-se de lado a tradução no ensino de LE, constata-se que, nesse livro, são resumidas quatorze pesquisas sobre o uso de dicionários por alunos de cursos de Tradução ou por tradutores profissionais. Veja os números por tipo de estudo e por tipo de sujeitos de pesquisa:

Tipo (a) – alunos: 3; alunos + tradutores: 2.

Tipo (b) – alunos: 4; alunos + tradutores: 3.

Tipo (c) – alunos: 1.

Tipo (d) – alunos: 2.

Um dos grandes defeitos da maioria das pesquisas sobre o uso efetivo ou o efeito do uso é o pequeno número de sujeitos: entre 4 e 16. O único estudo com um número relativamente grande de participantes é o de Atkins e Varantola (1997) – sobre o uso efetivo –, mas infelizmente as pesquisadoras misturaram os resultados dos 32 alunos de Tradução e dos 71 outros sujeitos. Mesmo assim, valeria a pena apresentar os numerosos dados conseguidos nesse estudo, mas não há espaço para isso aqui. Em vez disso, mostro alguns resultados da pesquisa de Frankenberg-Garcia (2005) – composta de dois tipos de estudos – cujos sujeitos eram 16 alunos portugueses de um curso de Tradução que tinham que traduzir um texto para o inglês, podendo consultar vários tipos de recursos, impressos ou eletrônicos.

Os recursos de consulta mais utilizados pelos estudantes foram: Eurodicautom, um banco de termos – 38%; DBs – 17%; dicionários para aprendizes (learners' dictionaries) – 11%; um dicionário de colocações – 10%; dois corpora do inglês – 9%; ferramentas de busca online – 6%; arquivos de notícias da Grã-Bretanha – 3%; COMPARA, um corpus paralelo português-inglês – 2%; outros – 4%.

Na discussão dos resultados, Frankenberg-Garcia salienta que os estudantes preferem “recursos mediados por linguistas, lexicógrafos e terminólogos”, ou seja, os dicionários e o banco de termos, a outros recursos, como corpora ou ferramentas de busca, e que, apesar da existência de dicionários eletrônicos, ainda usam muito os tradicionais (38% das consultas). E, mesmo tendo um bom nível de proficiência em LE, ainda preferem os DBs aos learners' dictionaries monolíngües.

Quanto às taxas de sucesso, ou de problemas resolvidos, o Eurodicautom foi o pior recurso (com 58%), e os DBs os segundo piores (com 60%). Mas as melhores taxas observadas nos outros recursos têm pouca significância, pois o número de consultas feitas neles foi muito pequeno.

Fraser (1999) menciona uma pesquisa realizada por ela mesma em 1994, na qual pediu a 21 tradutores profissionais para traduzirem um texto do fran-

Existem somente alguns poucos dicionários realmente adequados para a produção de textos. Já foi mencionado o DAFA. Dele, foi elaborada uma versão eletrônica, e está sendo compilado, em formato de livro e eletrônico, o *Dictionnaire de l'apprentissage du français langue étrangère ou seconde (DAFLES)*, descrito, como também o DAFA, por Binon et al. (2005). Ambos podem ser considerados bons auxílios para o tradutor, pois oferecem muitas informações. Mas as nomenclaturas são muito restritas, e é justamente esse fato que possibilitou a reunião de tantas informações nas versões impressas.

Cabe mencionar um dicionário eletrônico bilíngüe especialmente concebido para aprendizes brasileiros de espanhol que queiram expressar-se na LE (cf. HUMBLÉ, 2000). Ele é particularmente útil a tradutores, pois, para cada um dos cinco mil lemas (palavras-entrada) em português, há várias ou mesmo muitas frases-exemplos – tiradas de um corpus e, portanto, autênticas (embora às vezes levemente modificadas) – as quais são traduzidas para o espanhol. Dessa maneira, o consultante percebe de que modo essas palavras podem ou devem ser traduzidas em diversos contextos. Mais uma vez, o problema para o tradutor é que a quantidade de lemas é muito reduzida. Elaborar um dicionário desse tipo para um grande número de palavras-entrada demandaria recursos humanos e financeiros bem maiores ainda do que os despendidos na confecção desse *Dicionário de Aprendizagem Português - Espanhol*.⁶

6. Pesquisas sobre o uso de dicionários na tradução

Traduções não são feitas apenas por tradutores – profissionais ou leigos – como também por aprendizes de LE. É verdade que certas abordagens ou métodos de ensino “baniram” a tradução, mas ela continuou sendo usada (cf. RIDD, 2003, e várias dissertações sobre esse tema defendidas no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília). Aliás, há países onde é comum a tradução fazer parte não somente do ensino, como também de exames. Portanto, queira-se ou não, fazem-se traduções no ensino de línguas. E é justamente sobre o uso de dicionários nessa situação que existem mais pesquisas. A maioria delas é resumida em Welker (2006).

No outro extremo, encontra-se a tradução profissional. Infelizmente, há muito poucas pesquisas sobre o uso de dicionários por tradutores profissionais.

Entre os dois extremos, estão os alunos de cursos de Tradução, e, como parece ser mais fácil ter tais estudantes como sujeitos de pesquisa do que os tradutores, foram feitas mais pesquisas – embora também não muitas – com tais alunos.

Em Welker (2006), todas as pesquisas sobre o uso de dicionários – não somente na tradução – são classificadas conforme o tipo de pesquisa: a) pesquisas por questionário; b) estudos sobre o uso real de dicionários, porém sem a verificação

6. Como este artigo trata apenas de dicionários, não entro em detalhes sobre todos os recursos eletrônicos de que o tradutor pode ou deve lançar mão, como, por exemplo, de sistemas de memórias de tradução. Na sua impressionante tese de doutorado de 767 laudas, Sánchez Ramos (2004) propõe um método para ensinar o uso de dicionários eletrônicos e de “outros recursos da internet” a alunos de um curso de Tradução e apresenta os resultados da

cês para o inglês e para comentarem o que estavam fazendo e por quê. Alguns trechos desses protocolos orais revelam a insatisfação dos participantes com os dicionários bilíngües. A autora percebeu que os melhores tradutores usaram vários recursos.

Parece que o único estudo em que o uso de dicionários por parte de tradutores foi não somente observado, como também seu efeito avaliado, foi realizado por Nord (2002). Passo a resumi-lo brevemente:

Os sujeitos foram quinze tradutores profissionais de diversas línguas maternas. Eles foram observados durante sua atividade tradutória normal durante duas horas no seu lugar de trabalho normal (em casa ou num escritório de tradução) e fizeram protocolos orais, que foram gravados.

Principais resultados relativos ao uso efetivo:

- Dicionários consultados: mais de dois terços das consultas foram feitas em dicionários, principalmente em dicionários especializados (técnicos) monolíngües (31,1%) ou em DBs gerais (19,3%).
- Frequência das consultas: na tradução de textos gerais, os tradutores consultaram alguma obra de referência, em média, aproximadamente de três em três minutos; no caso de textos especializados, de dois em dois minutos.
- Principais motivos das consultas: 50,6% - procura do equivalente; 27% - escolha entre vários equivalentes.

Um dos resultados relativos ao efeito do uso:

- Foram as seguintes as porcentagens de sucesso (ou de respostas satisfatórias) quando os tradutores recorreram a diversos tipos de dicionários ou a outras pessoas: dicionários de sinônimos (80,0%); DBs gerais (71,1%); perguntando a especialistas por e-mail, por telefone ou no próprio escritório (68,8%); DMs gerais (58,1%); dicionários especializados (técnicos) monolíngües (52,9%).

Nota-se, portanto, que a eficácia dos DBs foi maior do que frequentemente se pensa. Mas, como no caso de muitas outras pesquisas, esses resultados não podem ser generalizados.

7. Palavras finais

Em muitos trabalhos foi salientada a necessidade de se ensinar o uso de dicionários (cf. WELKER, 2006, p.423ss.). No que concerne a alunos de cursos de Tradução, cabe mencionar o artigo de Roberts (1992), no qual a autora arrola algumas estratégias para melhorar tal uso.

Para terminar, cito a opinião dessa mesma autora expressa em outro artigo (s.d.) sobre dicionários e tradução:

[...] um tradutor vai usar um grande número de dicionários durante qualquer tradução - não porque ele não tenha as habilidades e conhecimentos necessários para ser um tradutor, e sim porque é impossível para qualquer ser humano dominar não uma, mas duas línguas, e ainda por cima também um certo número de variedades de cada uma das suas línguas de trabalho. [...] Dicionários podem tornar-se os melhores amigos do tradutor. Mas, como no caso de amigos humanos, temos primeiro que conhecê-los, seus pontos fortes e fracos [...]. E não devemos esperar que eles supram todas as nossas necessidades. Porém, se os dicionários são escolhidos cuidadosamente, bem analisados e usados adequadamente, eles podem ser instrumentos muito úteis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AL-KASIMI, Ali M. *Linguistics and Bilingual Dictionaries*. Leiden: Brill, 1977.
- ATKINS, B. T. S.; VARANTOLA, Krista. Monitoring dictionary use. *International Journal of Lexicography*, v. 10, n.1, p.1-45, 1997.
- BAKER, Mona (ed.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*. London / New York: Routledge, 1998.
- BALDINGER, Kurt. Semasiologie und Onomasiologie im zweisprachigen Wörterbuch. In: Bausch, K.-R.; Gauger, H.-M. (ed.). *Interlinguistica. Sprachvergleich und Übersetzung*. Tübingen: Max Niemeyer, p.384-396, 1971.
- BERGENHOLTZ, Henning; PEDERSEN, Jette. Fachwörterbücher als Hilfsmittel bei der Übersetzung von Fachtexten. In: Hoffmann, L. et al. (ed.). *Fachsprachen: ein internationales Handbuch zur Fachsprachenforschung und Terminologiewissenschaft*. Berlin: de Gruyter, p.1884-1889, 1998.
- BINON Jean; VERLINDE Serge; SELVA Thierry. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. In: Leffa, V. J. (org.). *As Palavras e Sua Companhia*. Pelotas: EDUCAT, p.96-118, 2000.
- _____. Influences internationales sur la lexicographie pédagogique que du FLE. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 44, n. 2, p.215-231, 2005.
- CHAN, Sin-wai (ed.). *Translation and Bilingual Dictionaries*. Tübingen: Niemeyer, 2004.
- CORRÉARD, Marie-Hélène. Traduire avec un dictionnaire, traduire pour un dictionnaire. In: Fontenelle, T. et al. (ed.). *Actes EURALEX '98 Proceedings*. Liège: Université de Liège, Départements d'anglais et de néerlandais, p.17-24, 1998.
- DAFA = BINON, Jean et al. *Dictionnaire d'apprentissage du français des affaibles*. Paris: Didier, 2000. Versão eletrônica disponível em: <http://www.projetdata.net/>. Acesso em: 08/05/2007.
- DAFLES = VERLINDE, Serge et al. *Dictionnaire d'apprentissage du français langue étrangère ou seconde*. Louvain-la-Neuve: Boek (em preparação). Versão eletrônica disponível em: <http://www.kuleuven.ac.be/dafles/acces>. Acesso em: 08/05/2007.

- DESLISLE, Jean. Os tradutores e a invenção de alfabetos. In: Deslisle, J.; Woodsworth, J. (ed.), *Translators Through History*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins / UNESCO Publishing, p.19-33, 1995.
- Dicionário de Aprendizagem Português-Espanhol. LLE - CCE - UFSC*. Disponível em: <http://www.dicionario-online.cce.ufsc.br>. Acesso em: 08/05/2007.
- Dictionnaire Oxford-Hachette français-anglais, anglais-français*. Oxford: Oxford University Press; Paris: Hachette Livre, 1994.
- DUVAL, Alain. *L'équivalence dans le dictionnaire bilingue*. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), vol. 3, p.2817-2824, 1991.
- FRANKENBERG-GARCIA, Ana. A Peek into What Today's Language Learners as Researchers Actually Do. *International Journal of Lexicography*, v. 18, n. 3, p.335-355, 2005.
- FRASER, Janet. The Translator and the Word: The Pros and Cons of Dictionaries in Translation. In: Anderman, G. M.; Rogers, M. A. (ed.), *Words, words, words. The Translator and the Language Learner*. Clevedon et al.: Multilingual Matters, p.25-34, 1999.
- GAK, V. G. La langue et le discours dans un dictionnaire bilingue. *Langages*, v. 19, p.103-115, 1970.
- HARTMANN, R. K. Contrastive Text Analysis and the Search for Equivalence in the Bilingual Dictionary. In: Hylgaard-Jensen, K.; Zettersten, A. (ed.), *Symposium on Lexicography II*. Tübingen: Niemeyer, p.121-132, 1985.
- _____. *Lexicography and Translation*. In: Chan, Sin-wai (ed.), p.7-21, 2004.
- HAUSMANN, H. J.; WERNER, O. 1991. *Spezifische Bauteile und Strukturen zweisprachiger Wörterbücher: eine Übersicht*. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), vol. 3, p.2729-2770, 1991.
- HAUSMANN, Franz J. et al. (ed.). *Wörterbücher - Dictionaries - Dictionnaires*. Ein Internationales Handbuch zur Lexikographie. 3 vols. Berlin / New York: de Gruyter.
- HUMBLÉ, Philippe. Produção versus compreensão no Dicionário Bilingue português-espanhol da Universidade Federal de Santa Catarina. In: Costa, M. J. D. et al. (org.), *Línguas: ensino e ações*. Florianópolis: EdLLE, 181-192, 2000.
- _____. Os estudos da tradução e os dicionários. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, v. 44, n. 2, p.233-246, 2005.
- IMBS, Paul. Au seuil de la lexicographie. *Cahiers de lexicologie*, v. 2, p.3-17, 1960.
- KROMANN, Hans-Peder; RIIBER, Theis; ROSBACH, Poul. *Principles of Bilingual Lexicography*. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), vol. 3, p.2711-2729, 1991.
- LOUW, J. P. *Lexicography and Translation - with special reference to Bible Translation*. Cape Town: Bible Society of South Africa, 1985.
- LYONS, John. *Introduction to Theoretical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- MELČUK, Igor A. et al. *Dictionnaire explicatif et combinatoire du français contemporain*. Recherches lexicosémantiques. 4 vols. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1984/1988/1992/1999.
- NEWMARK, Peter. Paragraphs on Translation 53. *The Linguist*, v. 37, n. 1, p.29-31, 1998.
- NORD, Britta. *Hilfsmittel beim Übersetzen*. Eine empirische Studie zum Rechercheverhalten professioneller Übersetzer. Frankfurt a. M.: Lang, 2002.
- RIDD, Mark D. Out of Exile: A New Role for Translation in the Teaching/Learning of Foreign Languages. In: Sedycias, J. (org.), *Tópicos em Lingüística Aplicada 1*. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília; Editora Plano, p.121-148, 2000.
- ROBERTS, Roda P. *Translation Pedagogy: Strategies for Improving Dictionary Use*. TTR, v. 5, n.1, p.49-71, 1992.
- _____. *Dictionaries, dictionary-making and translation*. (s.d.). Disponível em: <http://www.dico.uottawa.ca/articles-en.htm>. Acesso em: 30/04/2007.
- SAN VICENTE, Félix (ed.). *Lessicografia bilingue e traduzione: Metodi, strumenti, aprocci attuali*. Monza: Polimetrica Publisher, 2006.
- SÁNCHEZ RAMOS, María del Mar. *El uso de diccionarios electrónicos y otros recursos de internet como herramientas para la formación del traductor (inglés-español)*. 2004. Tese de Doutorado. Facultad de Ciencias Humanas i Sociais, Departamento de Traducción i Comunicació, Universitat Jaume I, Castellón (Espanha).
- SCHOLZE-STUBENRECHT, Werner. Äquivalenzprobleme im zweisprachigen Wörterbuch. *Germanistische Linguistik*, v.127-128, p.1-16, 1995.
- SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira (ed.). *Dictionary of Translation Studies*. Manchester: St. Jerome, 1997.
- SNELL-HORNBY, Mary. Dynamics in meaning as a problem for bilingual lexicography. In: Tomaszczyk, J.; Lewandowska-Tomaszczyk, B. (ed.), *Meaning and Lexicography*. Amsterdam: J. Benjamins, p.209-226, 1990.
- _____; PÖHL, Esther (ed.). *Translation and Lexicography*. Amsterdam et al.: Benjamins, 1989.
- SZENDE, Thomas. Problèmes d'équivalence dans les dictionnaires bilingues. In: Béjoint, H.; Thoiron, P.(ed), *Les dictionnaires bilingues*. Louvain-la-Neuve: Duculot, p.111-126, 1996.
- _____. (ed.). *Les écarts culturels dans les dictionnaires bilingues*. Paris : Honoré Champion, 2003.
- TARP, Sven. How Can Dictionaries Assist Translators? In: Chan, Sin-wai (ed.), *Translation and Bilingual Dictionaries*. Tübingen: Niemeyer, p.23-38, 2004.
- Trésor de la langue française*. Dictionnaire de la langue du XIXe et du XXe siècle (1789-1960). 16 vols. Paris: CNRS.
- TEUBERT, Wolfgang. Comparable or Parallel Corpora? *International Journal of Lexicography*, v. 9, n. 3, p.238-264, 1996.
- VAN HOOF, H. Translators and the Writing of Dictionaries. In: Deslisle, J.; Woodsworth, J. (ed.), *Translators Through History*. Amsterdam / Philadelphia: Benjamins / UNESCO Publishing, 229-242, 1995.
- VERMEER, Hans J. *Wörterbücher als Hilfsmittel für unterschiedliche Typen der Translation*. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.), vol. 1, p.171-174, 1989.

- WEINRICH, Harald. *Linguistik der Lüge*. Heidelberg: L. Schneider, 1966.
- WELKER, Herbert A. *Zweitsprachige Lexikographie: Vorschläge für deutsch-portugiesische Wörterbücher*. München: Utz, 2003.
- _____. *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- _____. *O Uso de Dicionários: Panorama geral das pesquisas empíricas*. Brasília: Thesaurus, 2006.
- WERNER, Reinhold. Zur Reihenfolge der Definitionen bzw. Übersetzungsäquivalente im Wörterbuchartikel (mit besonderer Berücksichtigung spanischer Beispiele). *Lebende Sprachen*, v. 27, p.150-156, 1982.
- _____. El problema de la equivalencia en los diccionarios bilingües especializados. In: Ahumada, Ignacio (ed.), *Diccionarios y lenguas de especialidad*. Jaén: Publicaciones de la Universidad de Jaén, 3-20, 2002.
- XATARA, Claudia. Os dicionários bilingües e o problema da tradução. In: Oliveira, A. M. PP.de & Isquedo, A. N. (org.), *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFGMS, p.179-186, 1998.
- ZGUSTA, Ladislav. *Manual of Lexicography*. The Hague / Paris: Mouton, 1971.
- _____. Translational Equivalence in the Bilingual Dictionary. In: Hartmann, R.R.K. (ed.), *LEXeter '83 Proceedings*. Tübingen: Niemeyer, p.147-154, 1984.